

## Aposta na paz

O presidente do Senado, José Sarney, não acredita que a disputa pela sua sucessão venha a instalar a guerra na Casa. "A tradição é que não haja luta pelo cargo, pois no Senado essa questão sempre foi resolvida pelo consenso", diz. Da mesma forma, Sarney lembra que nunca se chegou ao acordo final com uma antecedência menor que uma semana. Ou seja, na opinião dele, ainda é cedo para prever o caos.

O senador evita se manifestar por essa ou aquela candidatura, por duas razões: primeiro, é do PMDB e tem de formar junto a seu partido onde há, no mínimo duas candidaturas. E segundo, porque se falar em sucessão agora invalida seu próprio mandato.

"Debater a substituição agora é trazer o sucessor para dentro do meu gabinete. Não se pode personalizar nenhuma discussão desse tipo", diz ele, que considera um erro o gover-

no federal falar em reeleição ligando a tese à situação específica de Fernando Henrique Cardoso.

É o caminho mais curto para acirrar divergências e alimentar as intenções do adversário.

José Sarney aproveita para, discretamente, fazer uma correção à informação publicada ontem segundo a qual o senador Ernandes Amorim faz parte de seu grupo de estreita confiança e lealdade. Sarney esclarece que não tem nenhuma relação de amizade, ou mesmo de proximidade profissional além dos limites estritamente formais, com Amorim.

Desconfia até que o senador de Rondônia não nutra por ele um afeto especial, desde que o presidente do Senado mandou seguir em frente as investigações — já arquivadas — a respeito de atividades comerciais de Amorim em seu estado que estavam sendo postas sob suspeição.